



# Já à venda na ASA

LIVRO COM COLETÂNEA DAS CRÔNICAS  
PUBLICADAS NESTE BOLETIM,  
COM FOTOS E CAPA DURA

**Comemorando os 20 anos  
do Boletim ASA,  
Alberto Dines e Henrique Veltman falam  
sobre a imprensa judaica no Brasil**

Páginas 8 e 9



## E MAIS...

**2 EDITORIAL**  
O que vem por aí

**4 ISRAEL**  
O sim dele,  
o que significa?  
URI AVNERY

**6 BOLETIM, 20 ANOS**  
Um som na madrugada  
JACQUES GRUMAN

**10 CARTAS**

**12 BECO DA MÃE**  
Comunistas e rabinos  
HENRIQUE VELTMAN

**13 CRISE**  
Descaminhos da  
Humanidade  
RENATO MAYER

**14 .COM**  
Nosso caminho  
para as Índias  
FANY SECHTER RUAH

**15 NOTAS**

EDITORIAL

# O que vem por aí

O poeta Alberto Caeiro disse uma coisa estranha: pensar é estar doente dos olhos. Estranho? Nem tanto. Quando o olhar apenas fotografa uma imagem, uma cena, o que faz é registrar para a memória. Um estudante que sempre tira nota 10 pode não passar de um bom memorizador. Pensar é outro departamento. Exige que o olhar filtre, transforme, encadeie, duvide. A doença a que se refere o poeta é, no fundo, uma dança neuronal, uma subversão do ato de olhar.

Não queremos apenas ver o bolo com as dezenas de velas pelos aniversários de agosto. O quase meio século da ASA e as duas décadas do Boletim estão sendo devida e justamente comemorados. Afinal de contas, permaneceremos como a linha de frente da corrente judaica progressista no Rio de Janeiro. No entanto, é preciso pensar sobre os desafios que se apresentam e, enfrentando-os, planejar o futuro.

Na linha do horizonte, no raio de alcance do “olho sadio”, o panorama não é animador. Ambiente apático, idolatria do consumo (material e espiritual), conformismo de mãos dadas com o individualismo. As placas tectônicas, no entanto, estão inquietas. Desequilíbrios de todos os tipos agitam os subterrâneos do nosso mundo, e é justamente aí que podemos atuar.

De forma bastante simplificada, a **ASA** e o Boletim querem sustentar-se num tripé:

a. Atualização da mensagem do judaísmo laico, para se chegar às novas gerações – sem cair no doutrinário e sem renunciar à nossa história institucional. Trata-se de dialogar com a tradição, valorizando seus aspectos culturais e simbólicos.

b. Fortalecimento do diálogo com as forças democráticas da sociedade brasileira, na perspectiva de criação de frentes de luta por um país mais justo e inclusivo.

c. Fortalecimento dos vínculos com as correntes judaicas progressistas, dentro e fora do Brasil.

Por aí avançaremos.



A diretoria da ASA deseja que, em 5770, estejamos juntos na busca por um mundo mais justo e fraterno, onde a paz deixe de ser um objetivo remoto e se torne uma realidade cotidiana.

*A Gut Ior ! Shaná Tová ! Anyada Buena!* ■

## Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação

Rua São Clemente, 155 - Botafogo  
Rio de Janeiro - RJ - CEP 22.260-001  
Tel:(21)2535-1808 Telefax:(21)2539-7740  
Home page: www.asa.org.br e-mail: asa@asa.org.br

**Presidente** Mauro Band

**Vice-presidentes** Horácio Itkis Schechter e Gitel Bucaresky

**Secretárias** Tania Mittelman e Rosa Goldfarb

**Tesoureiros** Moisés Ghersgorn e Fany Haus Martins

**Diretor de Comunicação/Divulgação** Jacques Gruman

**Diretora Cultural** Clara Goldfarb

**Diretor de Memória** Marcos David Somberg



ASA JUDAÍSMO E PROGRESSISMO é o órgão informativo e de divulgação cultural bimestral da Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação.

**Home page: [www.asa.org.br](http://www.asa.org.br)**

**e-mail: [asa@asa.org.br](mailto:asa@asa.org.br)**

### Editora e Jornalista Responsável

Sara Markus Gruman - (Reg. Prof. nº 12.713)

**Colaboradores do Boletim:** David Somberg, Esther Kuperman, Fany Sechter Ruah, Heliete Vaitsman, Henrique Veltman, Jacques Gruman, Renato Mayer e Tania Mittelman

**Programação Visual:** Hama Editora

**Foto da Capa:** Henrique Veltman, Alberto Dines e Jacques Gruman

**Impressão:** Grafitto

**Tiragem:** 2.200 exemplares

*As matérias assinadas são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam necessariamente os pontos de vista da Diretoria da ASA. É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desde que citada a fonte.*

## NA ASA

Coreógrafo Rafael Barreto de Castro



**Estes dançam**



Regente Claudia Alvarenga

**Estes cantam**

## E você? Vai ficar só apreciando?

DANÇA ISRAELI - Toda terça, às 18h30

CÍRCULO DE LEITURA EM PORTUGUÊS -

Quinzenalmente, terças, às 15h30

CORAL DA ASA - Ensaios toda quarta, às 20h

AULAS DE ÍDISH - Toda quinta, das 19 às 20 horas,  
com Moisés Garfinkel

Estacionamento no local (pago) Saída S. Clemente da Estação Botafogo (sentido Humaitá)

# A Kinderland parabeniza a ASA pelos 20 anos do seu boletim!

## Vem aí a temporada 2010...

### Seleção de monitores:

Reuniões na ASA, sempre às 19:30 - dias 06/08, 12/08 e 17/08  
e FDS dias 22 e 23 de agosto.

### Inscrições para 2010:

pré-inscrições abertas em agosto, informações no site.

Confirmação da inscrição para sócios de 24 de agosto a 4 de setembro

Para não sócios: sorteio de vagas, após pré-inscrição, no dia 8 de setembro

### Datas da temporada:

1ª turma: 04 a 17 de janeiro de 2010

2ª turma: 21 de janeiro a 02 de fevereiro de 2010

# venha participar!!!

# O sim dele, o que significa?

Uri Avnery\*

Jornalistas vieram me dizer: “Você deve estar comemorando! Após tantas décadas, *ele* está aceitando a *sua* proposta!”

Estaria mentindo se negasse um certo gosto de satisfação, embora por pouco tempo. Não há, na verdade, nenhum discurso “histórico”; nem mesmo um “grande” discurso. Apenas um discurso bem endereçado, para acalmar Barack Obama, logo seguido de acenos pacificadores na direção da extrema direita israelense. Nada mais do que isso.

Netaniahu declarou que “nossa mão está estendida para a paz”.

Na Guerra do Sinai, em 1956, um jornalista amigo, nascido no Egito, servia na brigada que conquistou Sharm-al-Sheih. Como falava árabe, foi designado para interrogar um coronel do exército inimigo. “Cada vez que Ben Gurion anunciava que sua mão estava estendida para a paz”, disse-lhe o egípcio, “nós nos colocávamos em alerta máximo.”

Esse era o método de Ben Gurion. Antes de qualquer provocação, declarava que “nossas mãos estão estendidas para a paz”, acrescentando condições que sabia serem totalmente inaceitáveis para a outra parte. Assim, o mundo via Israel como um país amante da paz, ao passo que os árabes ficariam no papel próximo ao de assassinos seriais. Nossa arma secreta era a recusa dos árabes, dizia uma piada na época.

Em junho, Netaniahu lançou mão do mesmo velho truque.

Não subestimo o significado de o chefe do Likud pronunciar as palavras “Estado palestino”. Elas carregam um peso político. Uma vez difundidas pelo mundo, passam a ter vida própria, não podem ser chamadas de volta.

Numa canção popular israelense, o rapaz pergunta à moça: “Quando você diz não, o que isso significa?” Podemos, da mesma forma, perguntar: “Quando Netaniahu diz sim, o que quer dizer?”

Mas, mesmo se aquelas palavras soa-

rem falsas na boca de Netaniahu, o chefe do governo e chefe do Likud se sentiu obrigado a pronunciá-las. Pois a ideia de um Estado palestino faz hoje parte de um consenso nacional, rejeitada apenas por um punhado de ultradireitistas. No entanto, a luta principal é transformar essa ideia em realidade.

O discurso todo foi endereçado a Barack Obama. Não se destinava a apaziguar os palestinos ou a lhes fazer um apelo. Os palestinos não passam do objeto passivo de uma discussão entre o presidente dos EUA e o primeiro-ministro

## Netaniahu falou dos palestinos, mas não *para* os palestinos.

de Israel. Exceto por alguns velhos e batidos clichês, Netaniahu falou deles, mas não *para* eles.

Está pronto, conforme diz, para conduzir negociações com a “comunidade palestina”, naturalmente, “sem pré-condições”. Significando: “sem pré-condições do lado deles”. Do lado de Netaniahu, há uma série de pré-condições, cada uma destinada a fazer com que nenhum palestino ou nenhum árabe, ou mesmo nenhum muçulmano, concorde em entabular negociações.

Condição nº 1: Os árabes devem reconhecer Israel como “o Estado-Nação do povo judeu” (e não simplesmente como um “Estado judeu”, conforme a mídia tem reportado equivocadamente). Nas palavras de Hosni Mubarak: nenhum árabe aceitará isso, pois significa cortar do Estado um milhão e meio de cidadãos árabes de Israel e negar a priori o direito de retorno dos refugiados palestinos, principal trunfo de barganha do lado árabe.

Quando da resolução das Nações Unidas sobre a partilha da Palestina, em 1947, entre um “Estado judeu” e um “Estado árabe”, não se pretendia definir o caráter dos

Estados, apenas confirmar fatos: havia duas populações mutuamente hostis, e o país deveria ser dividido entre elas. (De todas as formas, 40% da população do “Estado judeu” seriam constituídos de árabes.)

Condição nº 2: A Autoridade Palestina deve, antes, estabelecer seu controle sobre a Faixa de Gaza. Mas como, se o governo israelense impede deslocamentos entre a Margem Ocidental e a Faixa de Gaza, e nenhuma força palestina pode passar de um lado para o outro? E a solução do problema pelo estabelecimento de um governo palestino de unidade também está descartada, pois Netaniahu declarou que não haverá negociações com uma liderança palestina que incluía “terroristas que nos querem aniquilar”, como se refere ao Hamas.

Condição nº 3: O Estado palestino deverá ser desmilitarizado. Todos os planos de paz falam de disposições de segurança que protejam Israel de ataques palestinos e a Palestina, de ataques israelenses. Mas Netaniahu não tem em mente reciprocidade, ele fala de domínio. Israel controlaria o espaço aéreo e os cruzamentos de fronteira do Estado palestino, transformando-o em uma Faixa de Gaza gigante. Além disso, o estilo de Netaniahu foi deliberadamente arrogante e humilhante: é óbvio que espera que a palavra “desmilitarizado” seja suficiente para que os palestinos digam “não”.

Condição nº 4: Jerusalém não será dividida e permanecerá sob domínio israelense. Essa proposta não foi apresentada como um lance de abertura para negociações, mas como uma decisão final. Garante, em si mesma, que nenhum palestino, árabe ou muçulmano a aceitará.

Nos Acordos de Oslo, Israel se dispôs a negociar o futuro de Jerusalém. Quem se dispõe a negociar — é um princípio legal aceito —, tem que fazê-lo de boa fé, na base do dar e receber. Todos os planos de paz, por conseguinte, proveem que Jerusalém Oriental seja, no todo ou em parte, devolvida ao controle árabe.

Condição nº 5: Entre Israel e o Estado palestino haverá “fronteiras defensáveis”. Este é o código para as anexações feitas por Israel e significa nenhum retorno às fronteiras de 1967, nem mesmo uma troca de territórios que permita que alguns dos assentamentos maiores sejam juntados a Israel. A fim de criar “fronteiras defensáveis”, uma grande parte dos territórios ocupados (os quais, juntos, somam 22% da Palestina de antes de 1948) será incorporada a Israel.

Condição nº 6: O problema dos refugiados será resolvido “fora do território de Israel”. Ou seja: nem um único refugiado receberá permissão para retornar. Qualquer pessoa realista concorda que não poderá haver retorno de milhões de refugiados. Segundo a iniciativa árabe de paz, a solução deve ser “acordada mutuamente”, o que significa que Israel tem que aceitar alguma solução e que as duas partes venham a concordar com o retorno de um número simbólico. Esta questão deve ser tratada com prudência e com o máximo de sensibilidade. Netaniahu faz o oposto: sua declaração provocativa visa claramente gerar uma recusa automática.

Condição nº 7: Nenhum congelamento dos assentamentos. Vai continuar a “vida normal” dos colonos, isto é, a atividade de construção visando “o aumento natural”. Como afirmou Michael Tarazy, consultor jurídico da OLP: “Ficamos negociando como repartir uma pizza e, nesse meio tempo, Israel a vai comendo.”

Tudo isso constou do discurso. Não menos interessante é o que dele não constou: palavras como o Mapa da Estrada, Anápolis, Palestina, o plano árabe de paz, ocupação, soberania palestina, abertura dos cruzamentos da fronteira com a Faixa de Gaza, as colinas do Golan. E, ainda mais importante, nada sobre o inimigo que deve ser transformado em amigo, segundo as palavras de um velho provérbio judaico.

Resta a pergunta: o que é mais impor-

tante, o reconhecimento verbal de “um Estado palestino” ou as condições que tornam as palavras vazias de conteúdo?

Há uma minoria de extrema direita que prefere bater de cabeça com os EUA a ceder qualquer sombra de território entre o Mediterrâneo e o Rio Jordão. Mas a grande maioria do povo compreende que um rompimento com os EUA deve ser evitado a todo custo.

Netaniahu e a extrema direita esperam que os palestinos rejeitem suas palavras, colocando-se no papel de permanentes recusadores da paz, enquanto o governo israelense seria visto como dando um pequeno, porém significativo, passo nessa direção. Eles estão seguros de que isso poderá ser obtido a troco de nada: o Estado palestino não será constituído, o governo israelense não terá que ceder nada, a ocupação permanecerá, assim como a atividade de colonização, e tudo isso será aceito por Obama.

## A questão decisiva é a dos assentamentos.

Como Obama reagirá?

A primeira reação foi uma resposta polidamente favorável. Obama não está buscando uma colisão frontal com o governo israelense. Parece mais disposto a exercer uma pressão “branda”, de modo vigoroso, mas sem alarde. Uma postura acertada.

Tanto israelenses como palestinos perderam a esperança. Em ambos os lados, a imensa maioria deseja pôr um fim ao conflito, mas não acredita que a paz seja possível – um põe a culpa no outro. Nossa tarefa é reacender a crença de que isso seja de fato possível. Para tanto, é necessário um evento dramático, uma espécie de choque elétrico energizante, tal qual a histórica visita de Anuar Sadat a Jerusalém, em 1977.

Num encontro com o ex-presidente Jimmy Carter, em Jerusalém Oriental, arranjado pelo Gush Shalom e outras organizações pacifistas israelenses, sugeri que Obama deveria vir a Jerusalém e falar diretamente ao público israelense, talvez até mesmo da Knesset, como fizera Sadat.

A questão decisiva é a dos assentamentos. Será que Obama insistirá em um congelamento total das construções?

Netaniahu espera tirar o corpo fora. Encontrou agora um novo mote: deve-se autorizar a conclusão dos projetos aprovados e já começados. Não se pode interrompê-los no meio. Os ocupantes estão esperando pelos seus apartamentos, e não é justo fazê-los sofrer. A Corte Suprema não autorizará um congelamento. (Um argumento particularmente ridículo, como se a Corte devesse autorizar um ladrão a gastar uma parte do dinheiro que ele roubou antes de lhe dar a sentença.)

Se Obama aceitar isso, descobrirá mais tarde que esses projetos somam 100 mil novas unidades habitacionais.

O mais importante é que os colonos não se levantaram após o discurso de Netaniahu. Pelo contrário, aqui e ali se pôde ouvir uma crítica miúda, mas o grosso da população de colonos permaneceu estranhamente tranquilo.

O que nos remete ao inesquecível Sherlock Holmes, ao explicar que solucionara um mistério quando atentou para o “curioso incidente do cão no meio da noite”.

“Mas o cão não fez nada durante a noite”, objetou alguém.

“Pois aí é que está o incidente curioso”, concluiu Holmes. ■

*Publicado no boletim eletrônico do grupo israelense Gush Shalom.*

**Uri Avnery** é jornalista, pacifista e ex-membro da Knesset.

*Tradução de Renato Mayer.*

RACHEL NISKIER, em memória de seu querido esposo, **Moszek Niskier**, congratula-se com a **ASA** e seu Boletim pelos aniversários, fazendo votos para que sirvam de exemplo e estímulo para as futuras gerações.

# Um som na madrugada

Jacques Gruman / Especial para ASA

*Um sonho sonhado sozinho não passa de um sonho.*

*Um sonho sonhado em grupo é realidade (John Lennon)*

O vizinho até que foi delicado. Perguntou, com todo o cuidado, se aquele tic-tic-tic que ouvia de madrugada vinha do meu apartamento. Vinha. Era o som da máquina de escrever que a Sara, editora do Boletim, usava para datilografar os textos. Sem problemas. O vizinho não rompeu relações.

Tempos heroicos, aqueles. Na primeira metade dos anos 1990, ainda éramos mastodônticos. Computador não passava de uma referência distante. Internet, então, era uma sigla misteriosa, coisa para iniciados. Toda a produção do Boletim se fazia em blocos pautados, que a Hama depois transformava em arte final e encaminhava para a gráfica. Sem Google, pesquisa demandava acúmulo de conhecimentos e acesso a livros e publicações. Contatos com potenciais colaboradores eram diretos, sem a mediação confortável dos e-mails. Nada a reclamar. Era o prazer do trabalho artesanal, suado, tocado por gente que ajudou a construir um veículo de comunicação que estava fazendo falta à comunidade judaica. Uma publicação que nunca aceitou ser chapa branca. Nem engolir tabus.

A Hama (Rama, no início), responsável pela programação visual, é um capítulo à parte nesta jornada de duas décadas. Está conosco desde o parto, em agosto de 1989. Claudio Albuquerque, diretor de arte, faz há muitos anos a arte final do Boletim. Olhem só o que dizem os diretores da Hama, Rosângela Feitosa e Jorge Vieira: “Há muitas teorias de administração e marketing que dão conta do relacionamento entre fornecedor e cliente, mas nenhuma delas consegue dimensionar o nível de respeito e fidelidade que há entre a Hama Editora e seu mais antigo cliente,

a **Associação Scholem Aleichem**, na produção do seu informativo. Já são 20 anos de prestação de serviços, e parece que foi ontem... A Sara chegava na editora, na Rua Evaristo da Veiga, com seus textos originais datilografados e algumas imagens. Este era o início de um processo que continuava com a digitação (num TK3000), diagramação da página (com cálculo em régua de paica), montagem da arte-final, fotolito, até finalmente a impressão e entrega dos boletins na sede da Associação. Muita coisa mudou nestes 20 anos na produção gráfica, mas o cuidado da equipe de comunicação da Associação com o informativo,

**É neste ambiente, não raro hostil, que circula o Boletim ASA.**

não. Depois de 120 “fechamentos”, muitas diferenças no processo de realização do informativo e algumas mudanças de endereço da Hama (do Centro para a ainda longínqua Barra da Tijuca), temos como saldo uma rica história de crescimento profissional e de mútuo aprendizado. Isto sem contar uma imponderável satisfação de ter participado do registro das atividades e do pensamento de uma comunidade atuante e realizadora. Parabéns, associados da **ASA**, por manterem o Boletim vivo e por fazê-lo chegar a esta edição histórica.” Fizeram, também, alguns elogios pessoais, mas, para não passar recibo de rasgação de seda, vamos conversar sobre isso numa roda de chopp.

A comunidade judaica do Rio tem, hoje, um perfil sócio-econômico totalmente diferente daquele dos tempos da Praça

Onze. De *clientéltchiques* e pequenos comerciantes, em geral com baixa escolaridade, transitou-se para um grupo social com elevado nível de instrução e renda média superior à da população. Como em qualquer mudança, isso trouxe novos valores, em sintonia com a nova situação de classe. De meu posto de observação, percebo, e não é de hoje, uma inclinação conservadora no terreno político e dogmática nas questões do Oriente Médio. A divergência é traduzida, não raro, como traição. É triste, mas o nacionalismo israelocêntrico se transformou em ideologia inquestionável, definitiva. Olhar Israel com independência virou antessala do *herem*. É neste ambiente, não raro hostil, que circula o Boletim **ASA**. Se estou certo, o fato de completarmos vinte anos não deixa de ser um pequeno milagre. Salve ele, pois!

Mario Benedetti, falecido recentemente, foi um dos maiores escritores e poetas do Uruguai. Em sua obra-prima, *A trégua*, há uma conversa tremendamente atual entre o personagem central e um amigo que já não via há muito tempo. Diz este amigo, a propósito do que seu interlocutor considerara uma piora na situação do país: “Na realidade, a acomodação e as negociações sempre existiram. Então, o que piorou? Depois de pensar muito, estou convencido de que o que está pior é a resignação. Os rebeldes viraram semi-rebeldes, os semi-rebeldes são hoje resignados.” Eis aí, sem tirar nem pôr, uma análise muito precisa dos tempos que correm. Seja por cansaço, cinismo, oportunismo ou desencanto, a verdade é que há uma crise de militância, os ativistas se recolheram. Não é esse o espaço apropriado para descer no detalhe, mas a constatação é imperiosa. Nossa mensagem de rebeldia, pelo pensamento inde-



Jorge Vieira,  
Rosângela Feitosa e  
Claudio Albuquerque

pendente, pela corrente laica do judaísmo, repercute num meio balofo, resignado, pouco receptivo. Somos rotulados como “teimosos” e “antiquados”. Mudar esse quadro melancólico é vital para projetar um futuro viável para a **ASA** e seu Boletim. Não depende da vontade e do empenho de alguns, mas de condições objetivas e subjetivas que ultrapassam as fronteiras da **ASA** e mesmo da comunidade judaica.

Vale a pena olhar mais de perto essa história de “antiquados”. Na verdade, o adjetivo se traveste, com inusitada

frequência, em “stalinistas”. A **ASA** e o Boletim, talvez por incomodarem os desinformados e/ou preguiçosos (pensar dá trabalho), são equiparados à esquerda autoritária. Há base para isso? Basta acompanhar as programações da **ASA** e as edições deste Boletim para responder com um veemente não. Dialogamos, damos espaço para opiniões divergentes (muitas vezes antagônicas às da diretoria da entidade), cooperamos com instituições de dentro e de fora da comunidade judaica, lutamos por uma democracia substantiva, enrique-

ceamos e divulgamos o campo da cultura judaica. O que há de autoritário nisso? A permanência de clichês ultrapassados não pode ser atribuída à má-fé. Acredito mais na hipótese da ignorância, da dificuldade em se admitir que há novidade na praça, da alergia às diferenças. Falta olho no olho. Lembro-me do texto de Brecht sobre Galileu Galilei. Na presença da nobreza, Galileu mostra um pequeno telescópio e convida os ilustres ouvintes a olharem através daquele singelo canudo adaptado a um jogo de lentes. Poderiam, com um simples gesto, destruir o dogma de que a Terra era o centro do Universo. Ninguém deu um passo à frente. Preferiram a posição esclerosada a enfrentar a descoberta. *Eppur si muove ...*

A equipe de colaboradores que integro, composta também por Heliete Vaitzman, David Somberg, Renato Mayer, Tania Mittelman e Esther Kuperman, não deixa cair a peteca. O trabalho de Sara Markus Gruman na editoria dá consistência jornalística ao Boletim, e sua dedicação ultrapassa o vínculo profissional. Ao lembrá-los, homenageio todos aqueles que contribuíram para que chegássemos até aqui. ■

**Jacques Gruman** é diretor da **ASA** e colaborador deste Boletim.

A família Band deseja que os próximos cem anos do Boletim ASA sejam tão bons quanto foram os vinte primeiros. Biz hundert un tsvantsik !

**O ICIB** - Instituto Cultural Israelita Brasileiro, de São Paulo, parabeniza a Associação Scholem Aleichem pelos 45 anos de profícua atividade e pelos 20 anos do Boletim **ASA**, desejando sempre muito sucesso.

**adaf** Associação David Erischman de Cultura e Recreação

Vinte anos é um número muito expressivo quando se refere à edição de um Boletim, que representa uma instituição que completa 45 anos de coerência com seus princípios de divulgar o pensamento judeu progressista a toda a comunidade. A Diretoria Executiva e o Conselho Deliberativo da ADAF, de Niterói, parabenizam a **ASA** por datas tão profícuas.

# Jornalismo judeu no Brasil

Um desfile de reminiscências envolvendo os principais nomes da imprensa judaica do Brasil e sobretudo do Rio de Janeiro, acrescido de um estudo sobre os patriarcas dessa mesma imprensa, foi o que os jornalistas Alberto Dines e Henrique Veltman ofereceram ao público que esteve na **ASA**, na noite de 5 de agosto, para comemorar os 20 anos do boletim **ASA**. Dines fez uma exposição enriquecida com termos em ídish. “Ídish é a língua mais importante do mundo. Quando posso e onde posso, eu falo. Hoje eu vou abusar.” Contou casos marcantes da vida dos personagens e fez um desafio: “Eu vim aqui para incomodar. Não adianta lembrar apenas hoje. Tem que fazer um *ízkor* todo dia.” Henrique Veltman, que é colaborador deste boletim desde 2005, acrescentou alguns casos vividos por ele e está preparando outras histórias para a sua coluna, o *Beco da Mãe*. Os dois convidados foram apresentados pelo diretor Jacques Gruman, que falou algumas palavras sobre a **ASA** e seu boletim e apresentou cada um dos colaboradores permanentes. Leia abaixo uma condensação do que disseram Dines e Veltman.



## ALBERTO DINES

O jornalismo é a espinha dorsal da sociedade, porque fornece a matéria-prima para a formação da memória e, a partir da memó-

ria, a História. A minha apresentação será extremamente abreviada e muito na base da memória pessoal.

Em 1919, aconteceu na Argentina La Semana Trágica, um pogrom anticomunista. Foram pegar *los rusos*, e quem eram *los rusos*? Destruíram o bairro judeu. A partir desse episódio, a Argentina começou a exportar muita coisa para cá. Toda a nossa vida cultural começa mais ou menos depois disso. A Argentina influenciou demais a vida brasileira a partir de Porto Alegre, e de Porto Alegre para cá.

O primeiro jornal judaico do Brasil foi lançado em Porto Alegre, em 1915, pelo judeu argentino Josef Halevi. Chamava-se *Di Mentch'hait-A Humanidade*. Era o segundo ano da Primeira Guerra, e já começava um movimento pacifista. O jornal durou seis edições. Mais tarde, Halevi fez *Di Ídiche Tsukunft-O Futuro Israelita*, que também não deu certo.

De altíssimo nível literário, *A Coluna*, feito em português pelo professor de origem marroquina David José Perez, durou alguns anos. O doutor Perez era professor emérito de várias disciplinas, filólogo,

fluyente em hebraico e ladino, um dos baluartes do sionismo brasileiro, da cultura judaica e do jornalismo judeu. Ele teve como colaborador Álvaro Castilho, que, embora não judeu, era um filossemita.

Em 1923, *Dos Ídiche Vochenblat - O Semanário Israelita* cria a alavanca da imprensa ídish. Construído em bases profissionais, tinha redação, máquinas e uma lojinha com livros importados da Argentina e dos Estados Unidos. Era um complexo midiático, sem dinheiro, mas com muito idealismo. A Biblioteca Scholem Aleichem surgiu do *Ídiche Vochenblat*, que não era de esquerda. Naquela primeira fase, a comunidade, pequena, procurava não se dividir. Poucos eram pessoas cultas, que soubessem escrever bem ídish.

Um dos jornalistas precursores da imprensa judaica em Porto Alegre, Itzhak Raizman, tem um livro em ídish intitulado *Um quarto de século da imprensa judaica no Brasil*, que é um relato do jornalismo e da vida comunitária. Um resumo desse trabalho está publicado em *Judeus no Brasil*, do professor Nachman Falbel.

O filhote do *Ídiche Vochenblat* foi o *Brazilianer Ídiche Presse-Imprensa Israelita Brasileira*. O grupo brigou e se fundou a *Ídiche Presse-Imprensa Israelita*.

Um dos nossos patriarcas se chama Jacob Nachbin. Ele publicou estudos historiográficos na França, e aqui publicou outros sobre os cristãos novos no Brasil. Depois foi para uma universidade americana, mas não pôde progredir porque não tinha titulação. Sumiu, e ninguém sabe onde morreu.

Uma figura que está presente em quase todos os veículos, sobretudo no *Ídiche Vochenblat*, é o Shabtai Karakushansky, Shebsl, para os íntimos.

A terceira figura que aparece no grupo inicial do *Ídiche Vochenblat* — me botava no colo e me cantava canções revolucionárias em ídish — é Aron Bergman. Ele emigrara da Polônia, onde era secretário geral do Poalei Tzion, então um partido social-democrata, borochovista. Não era revolucionário, mas tinha concepções muito firmes, que hoje a maioria dos partidos social-democratas não tem mais. Bergman foi um grande animador da cultura, política, vida social, escrevia muito bem, um jornalista. Eu me lembro do espírito dele. Foi preso uma ou duas vezes porque, num momento em que não era permitido editar em língua estrangeira, ele insistiu. Morreu prematuramente e deixou essa coisa fantástica chamada *Ídiche Presse*. Jornal que sofreu altos e baixos e atravessou todas as décadas de 1930 até 1988, foi um pouco o espelho da comunidade judaica do Rio de Janeiro. Samuel Malamud, além de ter sido seu acionista, também escrevia.

É claro que houve em São Paulo outras iniciativas, mas curiosamente a imprensa judaica no Rio foi mais importante. Marcos Frankenthal foi uma das figuras importantes em SP. Meier Kucinsky era um literato e, portanto, tinha um lugar de honra na imprensa paulista em ídish. A comunidade do Rio não tinha tanta gente nem tanto dinheiro, mas o Rio era a capital, era aqui que as coisas ocorriam.

Um pequeno parêntese: antes do



golpe integralista de 1938, houve aqui no RJ uma campanha antissemita brutal, ostensiva, em vários jornais, revistas e livros, e a comunidade judaica se organizou para enfrentá-la. Uma das iniciativas que renderam mais frutos na resistência aos ataques antissemitas foi o *Almanaque Israelita*, produzido por Samuel Vainer em 1937. Meu pai, que era muito amigo do irmão do Samuel, Artur Vainer – cultíssimo, muito ligado à comunidade, trabalhou na *Brazilianer Ídishe Presse* –, organizou algumas coisas da resistência à campanha antissemita. Provavelmente por sugestão do Artur, meu pai indicou o nome do Samuel, então um jovem jornalista, para dirigir o *Almanaque*, do qual acho que saíram quatro números. Isso explicaria – e só recentemente fiz o vínculo – o agradecimento que Samuel faz a meu pai em algumas entrevistas gravadas. Samuel Vainer tem um papel na história da imprensa brasileira e também na da imprensa judaica. Ignácio de Azevedo Amaral, que foi reitor da Universidade do Distrito Federal, emprestou o nome ao *Almanaque*, porque tinha que ser um nome brasileiro. Mais tarde, o professor Azevedo Amaral presidiu o Comitê de Ajuda às Vítimas da Guerra. Seu nome está ligado a uma cadeia de entidades judaicas da maior importância.

Quero lembrar também Nelson Vainer (nenhum parentesco com Samuel), um repórter que escrevia em jornais e revistas, e me deu uma mão quando comecei no jornalismo. Era da Bessarábia, falava romeno muito bem e traduziu várias antologias de contos romenos. Embora não tivesse uma atuação marcante na imprensa judaica, teve na imprensa brasileira com toda a sua carga de judaísmo.

E tem também Levi Cleiman, que foi secretário de redação do *Jornal Israelita*, um dos primeiros em português. Cleiman me deu uma oportunidade de escrever crítica de cinema na revista *A cena muda*. Depois, Nahum Sirotsky me levou para a revista *Visão*, e aí a coisa foi adiante.

Uma figura importantíssima dentro desse espectro da *Ídishe Presse* é David Markus. Sua história, no fundo, é a história da Segunda Guerra. Ele estava estudando na Universidade de Vilna, que não é pouca coisa, quando começou a

guerra. Salvo pelo filosemitismo ou por um espírito humanitário ou, talvez, pacifismo de um dos Grandes Justos (como foi o Schindler), o cônsul japonês Chiune Suguihara, David Markus recebeu um visto e foi parar em Xangai, onde escreveu textos humorísticos para o Shanghai Jewish Club. Produziu programa de rádio em Xangai – em ídish. A guerra virou o mundo de cabeça para baixo. Em 1950, ele foi para SP, onde trabalhou no jornal ídish mais à esquerda *Der Naier Moment-O Novo Momento*. Depois veio para o Rio e ficou como diretor da *Ídishe Presse* até o fim. Tudo o que eu vivi como jornalista, ele estava cobrindo. O Fabio Koifman me contou que a primeira entrevista que deu ao publicar seu famoso livro, que é uma obra-prima de pesquisa histórica, o *Quixote nas trevas*, foi para o David Markus. Um jornalista de mão cheia. A sua vida dá um romance biográfico extraordinário.

Outra figura, vinda do teatro ídish da Argentina, chamava-se Jacob Parnes. Ele e a mulher, dona Marta, tinham um programa de rádio interessantíssimo, com comentários em ídish e em português. A primeira vez que ouvi o meu nome em rádio – eu devia ter uns seis anos – foi quando ele atendeu um pedido meu de música em ídish.

*Aonde Vamos?* era uma grande revista que eu detestava, de extrema direita, rancorosa, às vezes desonesta, mas que acompanhou a vida judaica com espírito jornalístico. O relato que Aron Neuman faz da morte de Stefan Zweig é de capital importância. *Aonde Vamos?* Tinha importantes colaboradores, como Isac Izeckson e Avi Deutscher.

Tínhamos que falar também de um jornal da esquerda proletária feito por Ruben Zinguer. *Der Un'hoib-O Começo* estava ligado à Cozinha Popular Judaica, que era uma cooperativa de trabalhadores judeus, na Praça Onze. A polícia invadiu a Cozinha e prendeu todo o pessoal, inclusive Motl Gleizer, cuja vida é um filme. Sua filha, Geni, foi deportada. Chegando à França, os estivadores comunistas tiraram-na do navio. Ela reapareceu nos EUA, formou-se em Psicologia e deu um grande depoimento para a socióloga e ex-senadora Eva Blaj.

A primeira tentativa de organizar a comunidade judaica foi com o objetivo de se diferenciar dos *tmeim*, os *linke*, as polacas. Os *tmeim* faziam teatro, compravam turnês de companhias teatrais ídish só para eles, tinham a própria sinagoga. Uma das formas de a comunidade se diferenciar dos *tmeim* era com os jornais, porque isso eles não podiam fazer."



**HENRIQUE  
VELTMAN**

!!Depois do que o Dines falou, tenho pouca coisa a acrescentar. Uma, é dar uma atenção ao *Unzer Shtime-Nossa Voz*, que foi um

jornal da esquerda, editado primeiro no Rio e depois em SP.

Você [dirigindo-se ao Dines] falou do Samuel Vainer. Eu fui filho, fui adversário, fui tudo do Samuel. É impressionante a presença dele até hoje. Em 1968 ou 69, a *Última Hora* estava numa situação muito difícil. Fizemos um caderno especial sobre Israel para ganhar um dinheirinho e pagar a folha durante um ou dois meses. Aproveitando o embalo, o Moisés Fuks, que está aqui, convenceu alguém na Hebraica a fazer uma homenagem ao Samuel, uma placa bonita. Foi a única homenagem que ele teve na comunidade judaica, que eu saiba.

Uma historinha do Aron Neuman. Eu fui do Partidão até 1956, quando Agildo Barata e Wilson de Mendonça romperam com o Partido. Em seguida, comecei a receber em casa a *Aonde Vamos?* Até hoje não sei quem resolveu me presentear com uma assinatura. No início, eu olhava sem maior cuidado. Mas foi o primeiro veículo em língua portuguesa a publicar a íntegra do Relatório Khrushchev. Tinha um mundo de colaborações extraordinárias, os textos mais importantes contra e a favor de todos os lados, maravilhosos. Foi a única revista que eu colecionei, de 1956 até o final. A Esther Feldman, uma mulher finíssima, muito culta, fazia a última página. Depois que o Aron morreu, ela ainda tentou segurar a revista, mas não conseguiu." ■

## 20 + 45

Os vinte anos do Boletim **ASA** representam um marco na história do judaísmo brasileiro, na medida em que remetem a uma tradição de luta pelo progresso, pela justiça, e contra a intolerância – objetivos que fazem parte da essência mesma da condição judaica. Parabéns!

**Moacyr Scliar**, Porto Alegre, RS

■

Parabéns para vocês e para todos nós pelos vinte anos do Boletim **ASA**. É um prazer e uma honra poder fazer parte dessa história. Textos instigantes e uma inflexível posição a favor da justiça social são a marca da publicação. Agradeço também por me permitir, mesmo morando longe, estar sintonizado com a comunidade progressista do Rio de Janeiro. Obrigado e que venham mais vinte. *Lechaim*.

**Marcio Acselrad**, Fortaleza, CE

■

Externo minha satisfação pelos 20 anos do Boletim **ASA** e pelo trabalho que vem sendo realizado por vocês. Num mundo cada vez mais dominado pela lógica implacável do capital e, portanto, onde vicejam preconceitos, guerras de conquista e desolação, com seu cortejo de racismos e discriminações, é fundamental a defesa da igualdade – econômica, civil, social e política –, única forma de sermos plenamente humanos.

**Virgínia Fontes**, Rio de Janeiro, RJ

■

É sempre bom comemorar aniversários. Mais ainda quando se trata dos nossos queridos irmãos da **ASA** e de seu Boletim, uma voz potente e segura que nos ajuda a compreender o presente, não só do Brasil, mas também do desenvolvimento universal. Estamos ligados por laços múltiplos, que não são apenas institucionais, mas pessoais. Nos unem, é verdade, muitas tradições, histórias e trajetórias comuns, mas o que mais nos

aproxima são os projetos de luta pela construção de outro tipo de sociedade onde vivemos. A América Latina é uma só e, em seu arco-íris de esperanças e combates, nossos nomes estão inscritos. Conhecemos o papel da **ASA** em nosso tempo. Ficamos orgulhosos e felizes por saber que nossos irmãos brasileiros sonham, lutam, trabalham com decisão e vontade por um mundo onde prevaleçam a justiça, a igualdade, a liberdade, a democracia e a paz. Conhecemos seu compromisso firme com as causas mais nobres da Humanidade. Companheiras e companheiros da **ASA**, irmãos, amigos: recebam uma saudação forte e fervorosa. Que sigam avançando pelo caminho que escolhemos. Um forte e fraterno abraço.

**Daniel Silber** – presidente do ICUF -  
*Ídisher Cultur Farband, Argentina*

■

Enviamos nossas calorosas felicitações pelo 20º aniversário do Boletim **ASA** e aproveitamos para compartilhar algumas reflexões sobre nossas trajetórias de ideais comuns, para cujo sucesso contribuíram tantas gerações. Ricos caminhos percorremos em nossos países, ao lado dos movimentos judaicos progressistas irmãos. Muito recebemos destes países generosos e seus povos, e muito, muitíssimo, contribuímos com o que consideramos os verdadeiros valores judaicos. Enquanto progressistas, somos os autênticos porta-vozes destes valores: laicismo, igualdade, solidariedade. Hoje, eles são base essencial dos direitos humanos e, de seu núcleo, emana o conceito que vem de tempos remotos: Não farás ao Outro o que não queres que façam a ti. Com esses valores, mantivemos uma luta permanente por sociedades cada vez mais justas. Pagamos, da mesma forma que companheiros de outras origens, um preço elevado: vidas perdidas, anos de exílio. Tivemos, entretanto, a satisfação de caminhar lado a lado com milhares de companheiros de ideais. É imprescindível a tarefa da **ASA** de deixar documentada a memória deste movimento, para que

ela inspire e motive as gerações futuras. Por isso, dizemos: avante, companheiros, nesta tarefa vital da **ASA**.

**Asociación Cultural Israelita**  
**dr. Jaime Zhitlovsky**, Uruguai

■

A diretoria da Associação Brasileira A HEBRAICA de SP parabeniza a **Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação** pelo transcurso de seu 45º aniversário de fundação, augurando contínuo sucesso.

**Arthur Rotenberg**, presidente, e  
**Luiz Flávio Lobel**, secretário geral

■

Vinte anos do Boletim **ASA**. Parece mentira, como passou rápido!!! Como vocês podem ver pelo meu nome, sou “Carvalho de Oliveira”, duas vezes cristão novo, “sefaradi” camuflado. Quantas vezes pude encontrar na posição da **ASA** uma crítica a erros do governo de Israel, sem cair no antisemitismo, tão frequente em muitas posições. Nós entendemos que o caminho para a paz passa por “Dois Povos, Dois Estados” e lembramos a histórica aproximação entre os “primos” (árabes e judeus). Lutamos por um mundo onde, no lugar do enfrentamento, artificialmente construído pelos que querem a nossa separação, devemos viver a reaproximação, onde nos complementemos, árabes e judeus. Meus votos de longa vida para o Boletim **ASA**. *Shalom!*

**Raymundo de Oliveira** – presidente da  
*Fundação Universitária José Bonifácio,*  
*Rio de Janeiro, RJ*

■

Acompanhamos a trajetória do Boletim **ASA**. Informação, resgate da memória e cultura. Parabéns. Estamos aguardando o próximo número.

**Max Gruzman**, Rio de Janeiro, RJ

■

Parabéns pelos 45 anos da **ASA** e pelos 20 anos do Boletim. Que a **ASA**

continue exercendo seu papel e ocupando seu espaço dentro da comunidade. Que continue defendendo seus princípios e abrindo espaços para debates e enfrentamentos de idéias, seguindo uma velha tradição judaica, a do questionamento.

**Mauro Perelmann, Niterói, RJ**

Independente, corajoso e sobretudo coerente, o Boletim **ASA** tem muito a comemorar nos seus 20 anos de circulação, obstinadamente a serviço do judaísmo progressista do *ishuv* carioca. Parabéns a toda a equipe do Boletim.

**Max Nahmias** – presidente do Museu Judaico, Rio de Janeiro, RJ

Gostaria, de coração, de me juntar a vocês na alegria de chegar aos 20 anos de existência e muita luta. O Boletim **ASA** é, sem sombra de dúvidas, motivo de orgulho para o judaísmo e o progressismo em nossas cidade e comunidade. **MAZAL TOV VE AD MEA VEESRIM**. Muitos 20 anos de vida.

**Elias Salgado, Rio de Janeiro, RJ**

O **Partido Meretz**, através de sua representação no Brasil, saúda o aniversário da **ASA** e do Boletim **ASA**, incansáveis na difusão da cultura judaica e no empenho pela criação de uma sociedade mais justa e solidária para todos os povos.

O Boletim **ASA** tem sido da maior relevância na luta por um mundo mais justo e fraterno.

**Ivan Pinheiro** – secretário geral do PCB, Rio de Janeiro, RJ

O Boletim é uma publicação indispensável. Mérito de quem faz. Parabéns, Família **ASA**. E obrigada pelo carinho com o qual sempre nos receberam.

**Marina Lemle, Rio de Janeiro, RJ**

A **Associação Scholem Aleichem** preserva uma história corajosa de lutas em favor da paz, do progresso, da solução justa e pacífica dos conflitos entre povos e nações, da fraternidade global e da justiça social. São estes os valores do judaísmo progressista

onde quer que se encontre e atue. Daí a importância e a necessidade de uma entidade como a **ASA**. Seu porta-voz, o Boletim **ASA**, ganha relevância como trincheira de combate e orientação em defesa das melhores tradições do povo judeu, especialmente nesse momento histórico de graves decisões para o conjunto de nosso povo. Longa vida e conquistas à **ASA** e ao Boletim!

**Max Altman, São Paulo, SP**

Felicitemos a **ASA** pelo aniversário do seu indispensável Boletim, desejando mais 120 anos de pleno êxito na defesa das tradições humanistas universais e dos genuínos valores judaicos de paz e justiça.

**Amigos Brasileiros do Paz Agora**

A imprensa judaica começou no Brasil há 94 anos. O Boletim **ASA** completa agora a sua segunda década. Assim, no lugar dos costumeiros augúrios para que o aniversariante chegue aos 120 anos, faço um desconto: que continue inspirando e irradiando energia por mais 74. Parabéns aos editores e, principalmente, aos leitores.

**Alberto Dines, São Paulo, SP**

Cartas para ASA: Rua São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro/RJ - CEP 22260-001; telefax (21) 2539-7740 ou e-mail asa@asa.org.br c.c para smgruman@terra.com.br

Devem conter nome e endereço completos, telefone e assinatura. Havendo restrição de espaço, poderão ser encurtadas sem autorização dos remetentes

MARTINS ASSOCIADOS -Advocacia Trabalhista e Societária

Rua Senador Dantas, 20 Gr. 1509 - Centro - Telefone: 2240-9808

Rosana Yentas - Psicoterapia / Orientação Profissional

Consultórios: Botafogo e Tijuca - Cel.: 9956-5466

Alberto Band - Advogado

Rua Álvaro Alvim, 48 / 405 - Centro - Telefone: 2220-2784

Anna e Heloisa Araujo Eventos Cerimonial e Logística - Bufê próprio

Telefones: 2553-7013/2552-6929/8829-6929 - E-mail: heloisa.ams@oi.com.br

Dr. Sérgio Fiser - Cirurgia plástica, estética, Botox, preenchimento de rugas, câncer de pele

Rua Siqueira Campos, 43 / 608 - Copacabana - Telefone: 2257-0359

Mauro Acelrad - Psiquiatria Clínica

Rua Joana Angélica, 217 - Ipanema  
Telefones: 2522-1794/ 2523-3852 - E-mail: acsel@globo.com

Helena Kaplan - Psicoterapia e Psiquiatria

Consultório: Rua Barata Ribeiro, 383 / 405 - Copacabana - Telefone: 2255-7491

José Paulo Nebel - Psicólogo/ Psicanalista

Rua Benjamin Batista, 197/ 302 - Jardim Botânico - Telefone: 2286-5075

# Comunistas e rabinos

Henrique Veltman / Especial para ASA

Ele foi sepultado no novo cemitério judaico de São Paulo, na cidade de Embu das Artes. Um grupo enorme de comunistas antigos compareceu ao féretro e, a pedido do Sylvio Band, um jovem rabino paulista ocupou-se do serviço religioso. Ele, o rabino, observou que os velhos comunistas não estavam à vontade, por isso mesmo, após as preces de lei, tratou de entoar a *Internacional*. “De pé, ó vítimas da fome...”

Dito e feito, depois das primeiras estrofes, comunistas e ex-comunistas, irmanados, comovidos, prestaram todas as homenagens devidas ao companheiro Castiel.

Castiel nos deixou no início deste ano.

O mesmo rabino foi participar de um seminário na Cidade do México. No intervalo entre uma sessão e outra, foi conhecer a casa, hoje museu, onde Leon Trotsky morou até o fim da vida. Pra seu espanto, encontrou outro rabino na visita, um jovem norte-americano. Depois de alguns rápidos momentos de constrangimento, a verdade: ambos passaram pelos movimentos de Esquerda, no Brasil e nos

EUA. Não havendo *minian* para um *kádish*, decidiram-se por um *El malé rahamim* seguido, claro, da *Internacional* em dois idiomas, em inglês e na versão brasileira do anarquista José Oiticica.

## A CASA

Depois de perder para Stalin a luta pelo poder, Leon Trotsky foi expulso da União Soviética em 1929. Estabeleceu-se de forma temporária e sempre precária na Turquia, França e Noruega, chegando em 1936 ao México, onde o governo lhe ofereceu oficialmente asilo político e abrigo. Trotsky conheceu a pequena cidade de Teotihuacán, onde intelectuais mexicanos tentavam reviver uma nova religião, o culto do Sol.

Assim, depois de deixar a casa luxuosa de Diego Rivera, foi morar numa residência modesta, hoje museu, nas cercanias de Teotihuacán.

Uma organização privada, que se encarrega do apoio a exilados políticos, administra com visíveis dificuldades financeiras a casa em que Leon Trotsky viveu desde 1937, e onde foi assassinado em agosto de 1940.

Nenhum outro acontecimento do século 20 inspirou esperanças tão grandes, mais intensas e mais nobres quanto as despertadas por Leon Trotsky; nenhuma ideologia política contemporânea constituiu uma homenagem maior para a Humanidade do que sua fé no advento de uma Revolução permanente.

## PERMUTA

Na reza pela morte de um familiar próximo, o jovem rabino Iossi Halpern me pede pra colocar *tefilin*. Não quero, não faz parte da minha tradição. Ele insiste, eu proponho: O.K., eu ponho os *tefilin* se você cantar a *Internacional*.

Pois é, ele não sabia do que se tratava. Expliquei, ele topou. Fez a sua pesquisa na internet. No dia seguinte, sorridente, entoou os primeiros versos do hino anarco-comunista. Botei os *tefilin*...Ou seja, achei legal a atitude do jovem rabino, ele se mostrou um cara aberto e inteligente. ■

*Henrique Veltman, carioca, 73 anos, casado, jornalista, sociólogo e torcedor do América, é colaborador do Boletim ASA.*

Congratulações à ASA por seus 45 anos e ao Boletim por seus 20 anos, sempre na vanguarda da luta por um mundo melhor. Nosso reconhecimento e admiração por todos os ativistas que tornaram possível atender à demanda deste desafio. “A utopia de hoje é a verdade de amanhã.”

*Horácio e Zilda Schechter*

ESTHER E MAX GRUZMAN cumprimentam a ASA em seu 45º aniversário e o Boletim ASA pelos 20 anos de edições ininterruptas.

Em nome de nossos pais, Fany e José, congratulamo-nos com a ASA pelo 45º aniversário de fundação e pelos 20 anos do Boletim.

MOYSES E GUSTAVO AJCHENBLAT, ESPOSAS, FILHOS, NETOS E BISNETOS

# Descaminhos da Humanidade

Renato Mayer / Especial para ASA

Ao bradar contra a iniquidade e a insensatez dos homens e, sobretudo, dos judeus, no século 8 antes da Era Comum, o profeta Isaías já conclamava [43]: “Faze com que apareça este povo que é cego, embora tenha olhos; este povo de surdos, apesar de ter ouvidos. Congreguem-se todas as nações, reúnam-se todos os povos!” E, numa afirmação clara de como deveria o mundo obedecer à moldagem do Divino [45]: “Ele estabeleceu a terra; não a criou como um deserto, mas, sim, modelou-a para ser habitada.”

No entanto, há um quê de cegueira e surge no mundo a ser moldado pelas propostas atuais de saída da crise econômico-financeira. À parte uma possível limpeza e neutralização dos chamados ativos podres, isto é, os títulos de aplicações que perderam praticamente todo o valor, sobrarão milhões e milhões de desempregados, infelizes sem perspectivas outras que as das filas do auxílio social, enquanto os governos de todos os países enchem de mimos e agrados sua mesma e velha menina dos olhos: a indústria automobilística.

Não importa que avanços tecnológicos sejam incorporados aos novos modelos de carros particulares; o fato é que se veem os veículos individuais como os condutores da saída para esses tempos de depressão. O que vale é que mais e mais carros sejam comprados e despejados nas ruas, nas estradas e nas cidades. Alega-se a sua importância na economia mundial. Na França, 2 milhões e meio de empregos, ou seja, 10% da população econômica ativa, estão vinculados à indústria automobilística; no Brasil, ela representa ¼ de toda a riqueza gerada anualmente pelo setor fabril. Isso justificaria os milhões e milhões de dólares transferidos do setor público às empresas nos Estados Unidos e na França e a redução

dos impostos sobre as vendas ao consumidor em nosso país. Aqui, os motorizados apenas ultrapassam um terço da população, e os que compram carros zero são exatamente os que possuem maior renda.

Argumenta-se que a relação veículo/habitante no Brasil é baixa se comparada à dos Estados Unidos ou mesmo à do México e que há ainda grande espaço para crescimento. Mas quem já foi à América do Norte constatou a inviabilidade de uma sociedade em que praticamente todos dependem de um veículo individual, consumidor de energia essencialmente não renovável. Quais valores humanos proliferam e se fortalecem em tal ambiente? Quando será possível introduzir um padrão de vida mais coletivo, mais solidário, menos predador? Um novo

## Não se trata de deter o progresso das pessoas ou o avanço da indústria.

modo de produção e convivência social, como anteviam os nossos velhos visionários? Que futuro a médio prazo podemos então visualizar? Uma repetição do que foi vivido até o ano passado, apenas com bancos mais saneados?

Não se trata de deter o progresso das pessoas ou o avanço da indústria, a qual precisa de mercado para se expandir, mas de questionar se a Humanidade não está deixando passar a oportunidade da crise para refazer o caminho rumo ao resgate de valores materiais, culturais, ambientais e simbólicos outros, de maior utilidade e necessidade. Mas temos, nesse caso específico, um exemplo emblemático das prioridades imediatas dos governos. Inva-

dem as vias do Estado de São Paulo cerca de 48 mil novos carros todo mês, mais de meio milhão por ano. Até Brasília, uma cidade planejada, já tem engarrafamentos. É o tempo útil que se perde em esperas desnecessárias, é poluição, são problemas de saúde, sobretudo, são os gastos públicos desviados de outras destinações.

Subsídios do governo resultam em um dinheiro do cidadão canalizado para criar mais problemas para ele no futuro. Ações tópicas estão sendo implantadas em alguns países, como a Alemanha, mas, de um modo geral, não se propõe qualquer reestruturação produtiva baseada numa visão ecológica. Não há New Deals verdes à vista. Nossa pobre mãe Natureza continuará sem um minuto de sossego, a Terra se volvendo cada vez mais inabitável.

Pensadores judeus contemporâneos têm reiterado essas preocupações. O conhecido médico e rabino norte-americano Abraham Twerski conclui uma de suas obras com o seguinte chamamento à mudança: “Qual rumo tomará nossa civilização? Adotará os princípios da espiritualidade e pulará fora de um mergulho sem fim ou continuará no incessante caminho da busca da gratificação imediata, justificada pela negação e pela racionalização, até que seja tarde demais?”

Os valores da espiritualidade, claramente indicados, são os da solidariedade, da tolerância, do desapego aos bens materiais, da empatia pelo sofrimento alheio e de um saudável meio ambiente. Comunidades inteiras têm-se esquecido disso, tornaram-se belicosas e agressivas, por mais que rezem ou se autoproclamem em favor da “paz”. Para elas, mais do que nunca, valem as palavras do profeta. ■

*Renato Mayer, economista, é colaborador deste Boletim.*

Saúdo a ASA por seus 45 anos e o Boletim por seus 20 anos. Na melhor tradição do judaísmo progressista, continuam na defesa dos ideais de paz, liberdade, democracia e justiça social.

Dina Lida Kinoshita

# Nosso caminho para as Índias

Fany Sechter Ruah / Especial para ASA

É impossível assistir a qualquer trecho do núcleo indiano da novela global *Caminho das Índias* e não morrer de rir das semelhanças com os costumes judaicos. Isso aguça a curiosidade, e se pode buscar na Internet uma surpreendente presença judaica na Índia desde os tempos das dez tribos perdidas. Veja os melhores sites:

Para uma visão geral, comece pelo da Wikipedia, no artigo em inglês **History of Jews in India**, [http://en.wikipedia.org/wiki/Jews\\_in\\_India](http://en.wikipedia.org/wiki/Jews_in_India) - mostra as diversas origens e as localizações das cinco comunidades, mais abaixo na página. Há mapas e uma lista de ótimos links para aprofundar o assunto. Explicações gerais estão também no site da Jewish Virtual Library, na página **The Virtual Jewish History Tour - India**, <http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/Judaism/indians.html>, em inglês, com fotos.

Uma abordagem mais histórica e atual você encontra no site do *Jerusalem Center for Public Affairs*, <http://www.jcpa.org/dje/articles2/india.htm>. O artigo interessantíssimo **The Jewish Community of India** começa dizendo que a da Índia é a quarta maior comunidade judaica asiática depois de Israel, Rússia (asiática) e Irã, e que na época da fundação do Estado de Israel, em 1948, havia 30 mil judeus na Índia. Complementando, visite a página <http://www.jcpa.org/cjc/cjc-katz-f05.htm>, no mesmo site.

Mas será que estas foram as primeiras comunidades judaicas? Na página de abertura do site **The Ten Lost Tribes: Overview** <http://moshiach.com/tribes/overview.html>, há explicações preliminares, e na página **The Ten Tribes of Israel - Who Came to Kashmir** <http://moshiach.com/tribes/kashmir.html>, afirma-se que o início da presença judaica em Kashmir data de 722 a.C.! Com provas! Se quiser mesmo ir mais fundo, vendo fotos e textos variados, visite um velho conhecido: o site Haruth, na página **Jewish India**, <http://www.haruth.com/AsianIndia.html>. Nesta página há apenas links, e quase todos funcionam bem e levam a outras páginas ótimas, cheias de fotos.

Agora, só falta a *chamuça* kosher. No próximo artigo, a cozinha dos judeus indianos. ■

**Fany Sechter Ruah**, radialista, profissional de Marketing e webmaster do portal judaico FanyZINE – [www.fanyzine.com](http://www.fanyzine.com), é colaboradora deste Boletim.

Saudamos a ASA em seu 45º aniversário e o Boletim por seus 20 anos, com votos de sucesso nas atividades. Continuem sendo o espaço de ideias e cultura do segmento judaico progressista da comunidade.

**FAMÍLIA YENTAS**

A família Milman deseja os melhores êxitos à ASA, baluarte do judaísmo progressista do Rio de Janeiro, por ocasião de seu 45º aniversário e dos vinte anos do Boletim ASA, porta-voz dos melhores anseios de justiça social.

*Família Milman*

*Sócios da ASA desde a sua fundação, temos prazer e orgulho de ler sempre o Boletim. Vinte anos é um grande marco, uma grande vitória, que merecem comemoração.*

**FAMÍLIA HAUS MARTINS**

Parabéns à ASA pela trajetória de 45 anos e pelos 20 anos do Boletim.

**Família Bucaresky**

**NOTAS**

Fotos Sara Markus Gruman

**Encontro Coral**

Realizou-se em julho o **14º Encontro Coral da ASA**, apresentando-se, no dia 5, os Corais da **ASA, Tijucento, Melodia** (Funcionários da Fundação Bradesco RJ) e **Oficina UNI-Rio**. Dia 12, foi a vez de **Iyun Ase Orin, Às Terças, Coro de Câmara do CEIM-UFF** e, novamente, **Coral da ASA**.



Tijucento



Iyun Ase Orin



Às Terças



Coro de Câmara do CEIM-UFF



Oficina UNI-Rio



Coral da ASA



Coral Melodia

**Oriente Médio**

Dia 28 de julho, o jornalista **Gideon Levy**, do jornal israelense *Haaretz*, e **Afonso Celso de Ouro-Preto**, embaixador extraordinário e plenipotenciário do Brasil para o Oriente Médio, comandaram mesa sobre a situação atual e as perspectivas para o Oriente Médio. Ambos tinham acabado de participar do Seminário Internacional da Mídia sobre a Paz no Oriente Médio, patrocinado pela ONU, na sede do Itamaraty, no Rio. A mesa foi mediada por **Sylvio Band**, responsável pelos convites aos expositores, e o diretor **Jacques Gruman**. A intérprete **Juliana Johann** gentilmente fez a tradução consecutiva das intervenções.

Foto Helio Koifman



Jacques Gruman, Afonso Celso de Ouro-Preto, Sylvio Band e Gideon Levy

**Visita**

Em julho, recebemos a visita de **Daniel Jadue**, vice-presidente da Federação Palestina do Chile. Ele fez uma exposição detalhada sobre a organização das comunidades judaica e palestina chilenas, e debateu longamente com nossa diretoria.

**Cantores no rádio**

No dia 20 de agosto, o **Coral da ASA** foi o convidado do programa "Som Vocal", da **Rádio MEC AM**. Durante uma hora, nossos cantores apresentaram um repertório variado, com canções judaicas e não judaicas.

**Falecimento - ASA** registra com pesar o falecimento de Abrahão Gigman, no último dia 15 de agosto. Abrahão foi colaborador deste Boletim de setembro de 1994 a janeiro de 1997.

Fotos Sara Markus Gruman

## Aniversário

Como em qualquer boa festa judaica, nosso 45º aniversário teve alimento para a alma e para o corpo. Começou com o lançamento do livro de crônicas **O Canto da Rosa**, de **Rosa Goldfarb**, uma coletânea dos textos publicados neste Boletim entre 2001 e 2005. Em seguida, com casa lotada, tivemos um concerto de música sefardi e de modinhas brasileiras com o **Quadro Cervantes**, formado por Clarice Szajnbrum, Helder Parente, Nicolás de Souza Barros e Mário Orlando. Finalizamos com um lanche, recheado de quitutes judaicos, e o obrigatório *Parabéns pra você*. Que venham muitos outros aniversários!



*Rosa Goldfarb na tarde/noite de autógrafos na ASA, cercada pelos familiares. Abaixo, o público que lotou o auditório para assistir ao Quadro Cervantes*



Fotos Sara Markus Gruman

## Imprensa judaica

Uma comemoração em grande estilo. Os vinte anos do Boletim **ASA** foram celebrados no dia 5 de agosto com um painel sobre a imprensa judaica no Brasil. Na mesa, dois pesos pesados do jornalismo brasileiro: **Alberto Dines** e **Henrique Veltman**. Uma noite inesquecível para o ótimo público. Leia mais nas páginas 8 e 9.



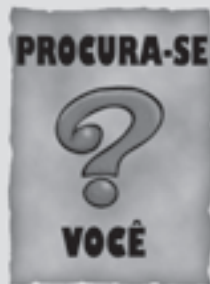
*Rosa Goldfarb e Alberto Dines*



*Fernando Weltman, Paulo Adolfo Aizen e Henrique Veltman*

## Venha

O Coral da ASA está procurando vozes masculinas. Se você quer participar de um dos mais qualificados grupos corais da comunidade judaica, entre em contato com a secretaria (2539-7740 e 2535-1808, das 9 às 18 horas) e peça informações. Os ensaios são às quartas-feiras, das 20 às 22 horas, no auditório.



## Mudança

As aulas de idish na **ASA**, ministradas por Moisés Garfinkel, mudaram de dia. Agora, são às quintas-feiras, das 19 às 20 horas, na sala da diretoria. Outras informações na secretaria.



Administração de condomínios  
 Locação de imóveis  
 Assessoria imobiliária

Centro: 2212-6100  
 Fax: 2212-6101  
 Barra: 3321-5871 / 3325-4241  
 Fax: 3325-1555

www.bervel.com.br • bervel@bervel.com.br

## ORIENTAÇÃO PARA A ECT

Endereço para devolução deste impresso: R. São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22260-001